

DISCURSO PROFERIDO NA TITULAÇÃO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFPR¹

Celso Luiz Ludwig

Doutor em Direito

Afiliação institucional: Universidade Federal do Paraná – UFPR – (Curitiba, PR, Brasil)

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/4377769084332380>

Como citar este trabalho / How to cite this work (informe a data atual de acesso / inform the current date of access):

LUDWIG, Celso Luiz. Discurso proferido na titulação de professor emérito da UFPR. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, v. 67, n. 2, p. 205-212, maio/ago. 2022. ISSN 2236-7284. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/87180>. Acesso em: 31 ago. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rfdufpr.v67i2.87180>.

1. Magnífico Reitor Prof. Ricardo Marcelo Fonseca.
Magnífica Vice-Reitora Prof.^a Graciela Bolzón de Muniz – reitoria eleita e reeleita democraticamente pela comunidade universitária.
Excelentíssimos membros do Conselho Universitário.
Excelentíssimo Diretor do Setor de Ciências Jurídicas, Prof. Sergio Said Staut Junior.
Excelentíssima Vice-diretora desse Setor, Prof.^a Maria Candida do Amaral Kroetz.
Meu caro Chefe do Departamento de Direito Privado, Prof. Marcos Wachowicz, em nome de quem cumprimento as/os demais chefes de departamentos.
Caro Coordenador do Curso de Graduação, Prof. Rui Dissenha.
Caro Coordenador da Pós-Graduação, Prof. Fabricio Tomio.
Chefes e coordenadores também eleitos democraticamente pela comunidade.
Em nome dessas autoridades cumprimento respeitosamente todas as professoras e professores, amigas, amigos, colegas.
Saúdo em especial os estudantes da graduação, por meio do Centro Acadêmico Hugo Simas; também os da pós-graduação, e os servidores técnico-administrativos; enfim, a todas e todos que integram, estudam, pesquisam e trabalham na Universidade, e saúdo também os demais presentes nesta solenidade! Desde já agradeço a presença de todos vocês aqui.

Serei singelo!

¹ Sessão pública e solene do Conselho Universitário da UFPR convocada especialmente para a outorga do título de Professor Emérito ao professor doutor Celso Luiz Ludwig. Evento ocorrido em seis de junho de 2022, no Salão Nobre da Faculdade de Direito (praça Santos Andrade, nº 50, Centro, Curitiba, PR).

2. Iniciei minha atividade de professor em 1982, no Curso de Filosofia e de Serviço Social da PUC-PR, onde permaneci, em diversos cursos, inclusive o de Direito, por mais de uma década; lecionei também na então Faculdade de Direito de Curitiba a partir de 1984, até meu ingresso na UFPR.

3. Recebi muitas homenagens dos alunos desde logo, tanto numa quanto noutra: fui nome de turma, paraninfo, patrono e professor homenageado por diversas vezes, tanto no curso de Filosofia quanto nos cursos de Direito. E depois, o mesmo aconteceu enquanto lecionei no curso de Direito da Uninter.

Sempre serei profundamente agradecido!

Fato semelhante aconteceu aqui na Faculdade de Direito. Fui muitíssimo homenageado, para além do merecido! Fui paraninfo, patrono e professor homenageado de praticamente todas as turmas para as quais lecionei! Homenagens que me emocionaram e me sensibilizaram profundamente, e serviram de motivação e entusiasmo especiais para recomeçar a cada nova turma!

4. Ao natural sempre pensei que seria o auge em minha carreira de professor, até a aposentadoria. Eis que, no entanto, agora recebo este título que é majoritariamente de meus colegas, um prêmio inimaginável, e só tenho que agradecer.

5. Mencionei as honrarias concedidas pelas alunas e alunos, não para me exhibir, mas porque as interpreto como sendo mediações importantes, condição material de possibilidade para esta homenagem de agora. Pois sem os alunos não seríamos professores!

6. Agradeço, desde logo, ao Prof. Cesar Serbena e à Prof.^a Katya Kozicki, as generosas palavras no momento da “*Laudatio*” e do “Discurso de homenagem”, cujas lembranças acadêmicas e pessoais me comovem e sensibilizam muito!

7. Só tenho que agradecer. Afinal, as “honrarias dependem mais de quem as concede do que de quem as recebe”, já disse antigo filósofo (Aristóteles).

8. Agradeço, do fundo do meu coração, mais uma vez, à professora Katya Kozicki, que ao tempo de sua chefia do Departamento de Direito Privado, propôs aos colegas que me fosse concedido o título de Professor Emérito da nossa Universidade, com aprovação unânime, aos quais agradeço.

9. De igual modo, agradeço ao Professor Sergio Staut Junior, e à Professora Vera Karam de Chueiri (sempre Diretora) e demais integrantes do Conselho Setorial, a aprovação por unanimidade e o encaminhamento ao Conselho Universitário.

10. Também agradeço muitíssimo aos integrantes do Conselho Universitário, pela aprovação da proposta, também por unanimidade.

11. Assim que recebi a notícia pela voz do Magnífico Reitor, a quem também agradeço de coração, ainda emocionado e surpreso, tive a imediata sensação de que a homenagem é imensamente maior que o homenageado, razão pela qual peço licença para compartilhá-la com todas as professoras e professores colegas deste Setor, particularmente com os aposentados.
12. A imensa simbologia da Homenagem se torna ainda maior para mim, ao lembrar que o título de Professor Emérito neste Setor fora concedido anteriormente ao Professor Egas Dirceu Moniz de Aragão e ao Professor Sansão José Loureiro, de quem tive o privilégio de ser aluno – reconhecidamente expressões permanentes de elevada contribuição à cultura e à ciência jurídicas, e dedicação à formação de seus alunos e alunas.
13. De todas as formas, e também por isso, irei portar esse título com muito gosto, honra e orgulho, pois vem dos longos anos vividos na UFPR, como estudante de graduação nos cursos de Letras e de Direito; de pós-graduação no mestrado e doutorado em Direito; e, por mais de três décadas como professor de Filosofia do Direito na graduação e na pós-graduação.
14. Sempre tive orgulho de ser aluno e professor da UFPR, e procurei em todas as atividades pedagógicas, de pesquisa e extensão, ainda que modestamente, contribuir para exaltar a instituição pública, dada sua relevância social, cultural, política e científica, tanto para o povo paranaense quanto por sua influência nacional e internacional.
15. Não farei um relato desse tempo aqui vivido. Limito-me a alguns fragmentos.
16. Quando estudante, a partir da segunda metade da década de 1970, ainda na Ditadura, havia um clima de insegurança, de medo, de ameaças e de desconfiança; mas também foram tempos de coragem acadêmica e cívica; havia muitos estudantes e professores que lutavam, em destemida postura de resistência democrática. Lutas as mais diversas até o término da Ditadura, com destaque ao evento das Diretas Já, até a democratização. Universidade sempre em resistência. “Ousar pensar”, como diz um filósofo (Kant), que leva ao fazer!
17. Minha formatura em Direito ocorreu ao final do primeiro semestre de 1982.
18. Como professor, retornei à Faculdade de Direito no início de janeiro de 1990, após concurso para a vaga de Filosofia do Direito realizado em fins de 1989.
19. Desde já, agradeço o apoio de amigos de toda vida, igualmente de amigos e colegas da Procuradoria-Geral do Estado, que foram muito importantes durante o período de meu magistério.
20. Agradeço também o apoio e incentivo da família, dos meus pais, irmãos, sobrinhos e sobrinhas, e especialmente do meu querido filho Guilherme, com quem compartilhei e compartilho muitos dos assuntos e acontecimentos da Faculdade e da Universidade.

21. Do período que vai da formatura ao meu retorno à Faculdade de Direito, tenho na memória a destacar a luta pela democracia interna que acompanhei como estudante de Letras, com a primeira eleição direta para Reitor, com a vitória do Prof. Riad Salamuni (e dos diretores de setor), em 1985. Lutemos sempre para manter as conquistas e ampliá-las!
22. O início da minha docência na Faculdade de Direito veio acompanhado da turbulência político-administrativa da presidência do então eleito Fernando Collor de Mello, que desde o começo gerou verdadeira penúria e caos à administração das universidades, até mesmo com rumores de privatização! Mais uma vez a Universidade resistiu!
23. Na presidência de Itamar Franco, certa tranquilidade se restabeleceu nas universidades, a despeito das dificuldades orçamentárias que persistiram nos governos do presidente e professor universitário Fernando Henrique Cardoso, creio que em parte pela incompreensão dialética entre o ensino fundamental e a formação universitária, na opção política em privilegiar aquele em prejuízo desta!
24. De se reconhecer, no entanto, que foram tempos de liberdade de pensar e dizer! Mais uma vez a Universidade resistiu, agora materialmente! Eram os meus primeiros doze anos como professor! Nos anos seguinte, em larga perspectiva, universidades federais, na gestão do Presidente Lula e no primeiro governo da Presidenta Dilma Rousseff, ganham novo fôlego com a criação de novas universidades, sua interiorização e ampliação com novos *campi* nas já existentes, bem como a ampliação das vagas de estudantes e docentes, embora com as dificuldades próprias às instituições, especialmente públicas, e de educação, em particular, sempre persistentes no sistema societal de capitalismo dependente.
25. Vivenciei internamente no Setor de Ciências Jurídicas o respeito às conquistas democráticas, em regular e efetivo exercício da democracia no preenchimento dos diversos cargos, seja na Graduação, seja na Pós-graduação, seja na esfera docente, discente, seja na dos servidores técnico-administrativos; ou de todos integrados, quando o caso.
26. A despeito das dificuldades, exerci meu magistério em clima de confiança, de liberdade e de respeito mútuo entre professores, entre professores e alunos. Quando iniciei, o debate típico no ato pedagógico, em geral, estava centrado entre as chamadas compreensões dogmáticas e críticas do Direito. A rigor, um debate entre os professores(as)/alunos(as) com ênfase maior à dogmática e aqueles com ênfase maior à necessidade crítica! Ou então, o debate se travava entre as disciplinas propedêuticas e dogmáticas ou técnicas! Eram os tempos da então nova Constituição e dos Congressos do Movimento do Direito Alternativo, a oxigenar o pensar, as ideias e racionalidades políticas, sociais e jurídicas da última década do século XX. Saudável discussão, que em boa parte

restou amenizada, em meu modo de entender, com o tempo, dadas as novas exigências decorrentes da complexidade cada vez maior do mundo globalizado, e bem captada com a reforma curricular liderada pelo então Diretor do Setor, professor Ricardo Marcelo Fonseca. Precisamos da dogmática e da crítica com a finalidade de produzir a melhor justiça. Precisamos de um direito justo e esse depende, a começar, de um bom ensino nos cursos e faculdades de Direito, pois, formamos juristas.

27. No entanto, mais recentemente, passamos a viver novamente tempos difíceis, para ser suave! “Viver se tornou perigoso” (no dizer de personagem de Guimarães Rosa), e morrer se tornou familiar e coletivamente assustador e trágico nos momentos mais agudos da pandemia, nas tristes mortes que lamentavelmente ultrapassam o número estarrecedor de 667.000 pessoas em nosso País, uma tragédia por si só, mas cuja dor se aprofunda na manifesta insensibilidade irracional e muitas vezes cínica de uma biopolítica da morte, uma tanatopolítica, no dizer de filósofos (Foucault, Agamben, Esposito), quando necessitávamos e ainda precisamos pensar a política na forma mesma da vida (Esposito), uma biopolítica afirmativa da vida, vida que deseja viver (Dussel).

28. Vivemos tempos “estranhos”, dizem muitos, tempos “de trevas”, dizem outros, “tempos sombrios”, tempos de “pobreza” certamente, tempos de miséria! Tempos de muita violência sistêmica, violência simbólica, e violência física. Tempos de “ódio”, de “raiva”, de “perseguição” e mesmo tempos de negacionismo! Tempos de golpe, e ameaças irracionais e explícitas de autogolpe! Ameaças semanais ou até diárias à já legítima tradição democrática das regulares eleições.

29. Vivemos tempos de profunda “desinformação” na era da informação! Sabemos que tudo isso é verdade, em tempos que se pretendem ser os da “pós-verdade”! Vemos tudo isso entre nós exacerbadamente, mas também em muitos aspectos mundo afora! Como no caso das permanentes guerras, com as atrocidades e sofrimentos cruéis, com destaque à mais recente entre Rússia e Ucrânia, motivo pelo qual endossamos os apelos pela paz imediata!

30. Vivemos esse *mal-estar da incivilidade* intensamente em nosso País!

31. Em poucos anos as políticas públicas vêm destruindo a educação; com os ataques à Universidade, principalmente, as agressões à comunidade universitária, ações truculentas e de violência física, simbólica e político-ideológica contra autoridades universitárias, professoras e professores, alunos e alunas; medidas políticas, econômicas e por vezes jurídico-judiciais estão agredindo conquistas históricas, destruindo reputações, aniquilando movimentos das mais diversas bandeiras que buscam justiça e dignidade para seus coletivos. E sempre mais cortes orçamentários na Educação; necessário protestar e resistir!

32. São ofensivas externas movidas pela aversão ao saber, ao conhecimento, à arte e à ciência em geral. Negacionismo e obscurantismo. Destruição de políticas culturais, sociais, ambientais,

indigenistas, que, sob o ponto de vista das luzes da razão, indica uma aposta declarada pela barbárie, e que chega a envergonhar até mesmo os defensores do liberalismo político e econômico clássicos, como tem ocorrido.

33. Além disso, assistimos reiterada afronta às instituições, particularmente àquelas que garantem o Estado de Direito, como se pode ver a todo momento o ódio dirigido especialmente ao STF, e que dessa maneira atinge o sistema de Justiça como um todo. Crítica irracional, sem nenhuma civilidade e fundamento, movida apenas pelo rancor, ou por interesses pouco republicanos, há de se concluir.

34. De tão evidentes, esses fatos estão diariamente, com grande eloquência, estampados nas páginas e telas da grande mídia corporativa, e expressam esse quadro por vezes tenebroso.

35. Quadro esse que está na contramão do espírito universitário. A Universidade em sua história luta contra o obscurantismo, contra as trevas, contra a ignorância e contra o autoritarismo, já foi dito. É da sua vocação produzir conhecimento, pluralismo, diversidade e apontar sempre na direção de um mundo melhor e de uma vida melhor para todos e todas.

36. A questão mais imediata, portanto, parece ser a da luta iluminista contra a barbárie, dada sua urgência – me entendam bem, isso na imediatez; depois na ordem categorial da práxis vêm as necessárias conexões da racionalidade política mais específica das posições de esquerda, centro e direita, com suas variações e diferentes ideologias; e também as conexões da racionalidade jurídica em sua dialética técnico-normativa e exigência crítica, ambas em variadas tendências.

37. Nessa ótica, o ensino, a pesquisa e a extensão na Faculdade de Direito têm desafios e tarefas importantes e imprescindíveis a cumprir pelo conjunto de seus saberes e práticas, o que não é nada fácil, pois requer estar atento aos movimentos do global e do local, mundo afora, em suas rápidas mudanças conjunturais e históricas. Os desafios são tanto os técnico-dogmáticos quanto os reflexivo-críticos.

38. Assim, uma pauta que parece se impor é a de na Faculdade de Direito, sob o ponto de vista da Filosofia pelo menos, assim entendo, compreendermos a modernidade capitalista na qual vivemos; e isso exige uma nova ontologia do capitalismo, como alertam as filólogas (Fraser, Jaeggi), que mantenha os temas já tradicionais da análise, mas que inclua as novas e já encaminhadas mudanças epistêmicas; em resumo, o movimento da reprodução econômica à reprodução social (o cuidado, o trabalho afetivo, ou todo o processo da subjetivação no capitalismo); a consideração ambiental e ecológica como integrante e ao mesmo tempo pressuposta da sociedade capitalista; o aprofundamento do movimento da economia à política (o capitalismo depende dos poderes públicos para fazer valer sua lógica, incluído aí o Direito); a nova dimensão do simbólico na estrutura da sociedade atual; e os novos temas das conquistas culturais (com a contribuição das importantes teorizações pós-

estruturalistas), nas questões de gênero (machismo/feminismo, homoafetividade/homofobia); as étnico-raciais (racismo estrutural em relação a negros e indígenas); a questão ecológica mencionada, nas novas formas de exploração, expropriação e destruição; e a questão histórica, filosófica, sociológica, político-econômica, cultural, social e jurídica da pós-colonialidade e descolonialidade, e da dependência; ao final, o tema dos direitos humanos, na era dos algoritmos que controlam nossas vidas. A questão dos refugiados e outros, se necessário.

39. Precisamos procurar compreender o que é e qual o lugar do Direito nessa complexa sociedade.

40. Desafios imensos para o ensino, a pesquisa e extensão da nossa Faculdade de Direito.

41. Nessa luta, precisamos insistir e desenvolver uma pedagogia de amor ao saber, à ciência, à Filosofia e à História; ela pode ajudar na saída das trevas; esclarecimento urgente, necessário e possível agora. Ousar pensar, e fazer!

42. E também uma pedagogia da alteridade pode ajudar a restabelecer a necessária intersubjetividade ética e crítica, que pelo ato pedagógico amoroso, pode afastar os enfrentamentos maniqueístas reduzidos aos ódios recíprocos; ato pedagógico é um ato de amor porque, como diz o grande pedagogo brasileiro (Paulo Freire), ninguém educa a si mesmo, nos educamos em comunidade, assim como ninguém se liberta sozinho, mas coletivamente.

43. Precisamos continuar e desenvolver uma pedagogia da liberdade e da libertação (Dussel), necessária para resistir a toda e qualquer forma de fascismo e intolerância, discriminação e desigualdade.

44. Uma pedagogia assim, requer paixão. Temos que abraçar as causas com paixão, pois, no dizer de mais um filósofo (Hegel), “Nada de grandioso foi realizado sem paixão”!

45. Ela nos move, mas ao mesmo tempo pode nos cegar coletivamente, como no *Ensaio sobre a cegueira* (Saramago)! A paixão cega dos ódios, por exemplo, nos imobiliza nela. Por isso o interesse especial da paixão deve ser inseparável da realização de certa universalidade, de uma universidade pluriversa. Temos que ficar atentos para que o *movimento do espírito* alcance a emancipação e a libertação, pois assim, o ideal almejado pode se tornar *efetivo*. Uma universidade de ideias e práticas para tornar a sociedade mais justa.

46. A superação dialética da paixão permite o movimento do pensamento com a finalidade de atingir a esfera dos *conceitos*, das *ideias*, da *razão* e do *espírito vivo*, que, conservando a paixão, vai adiante, e se manifesta corporificada na práxis cotidiana das civilizações. Afinal, na definição do mesmo filósofo (Hegel), é esta a *astúcia da razão*, e temos a obrigação de exaltá-la e defendê-la neste opaco momento. E nada melhor do que a universidade para estimular e atualizar esta persistente potencialidade. É hora de nova *travessia*!

47. Mantenhamos o desejo de um espírito vivo na Universidade e na Faculdade de Direito, em movimentos de novas realizações, e penso que as alunas e alunos que hoje aqui ingressam representam a *potência* viva dessa possibilidade que assim se renova. Resistir e avançar! Razão ativa e cativa! Com nossas diferenças precisamos pensar juntos! Estarmos unidos!

48. Pois, parafraseando Dostoiévski e Levinas, diria que *todos são responsáveis pela universidade pública e gratuita, e nós mais que todos os outros! Afinal estamos no Palácio das Luzes!*

Para sempre, Muito Obrigado, de coração e de pensamento!